

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS INTEGRADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Flávia Barrionuevo Baldini

Jessica da Silva Vieira

Marilza dos Santos Rosa Vieira

Thaís Cristina de Freitas Cossa

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO SANDRE – CUFSA

RESUMO

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo contribuir com a reflexão e análise do processo de formação de professores, no curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André. De início foi relatada a história sobre as “crises” que configuraram as diferentes etapas pelas quais o curso passou, desde sua criação até a proposta desenvolvida na atualidade, sempre pautando a formação do professor, de forma que a qualidade não se perca para que os sujeitos que passam pela formação sejam capazes de desenvolver competências fundamentais para o exercício da profissão.

São relatadas experiências que foram desenvolvidas pelos alunos do quarto ano, em continuidade a outras atividades iniciadas nos anos anteriores. Tais experiências são fruto de discussões sobre a formação com base em teorias que defendem que a sala de aula é somente um dos espaços onde a formação acontece e que o professor é um sujeito que também está em processo de formação.

PALAVRAS CHAVES: Formação de professores, curso de Pedagogia, dificuldades e complexidades da educação.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisadoras responsáveis pelo presente trabalho são alunas do Centro Universitário Fundação Santo André desde o ano de 2013 e concluintes em 2016. A produção aqui apresentada é a combinação entre os estudos realizados ao longo desse período e culmina com o interesse das integrantes em conhecer, refletir e analisar o processo de formação de professores nessa instituição.

A princípio o grupo era composto de forma diferente. Parte das pesquisadoras era originalmente responsável pelo tema, posteriormente duas novas integrantes se juntaram à equipe para somar no processo de construção desse novo conhecimento.

O interesse principal está voltado, e essa sempre foi a meta, entender a complexidade do que significa formar um professor. É preciso destacar que as pesquisadoras eram as estudiosas do tema ao mesmo tempo em que eram sujeitos em formação.

Para tanto, foi preciso tomar certo distanciamento para produzir a reflexão aqui proposta, pois, isso significava avaliar as atividades que eram realizadas como pesquisadoras e alunas, concomitantemente. Pode-se afirmar, portanto, que não foi tarefa fácil de ser realizada e o trabalho aqui apresentado não tem a pretensão de esgotar o assunto, trata-se, portanto, de reflexão preliminar, a partir de um olhar específico, que certamente precisará ser criticada.

1.1. O Curso de Pedagogia do CUFSA – definições em tempos de crises

O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, apresentado em 2016, como requisito parcial para o processo de solicitação de renovação de reconhecimento de curso, junto ao Conselho Nacional de Educação – MEC, sob a coordenação do Prof.Ms. Sebastião Haroldo de Freitas Corrêa Porto é um dos documentos que, quando de sua leitura, deixa claro os diferentes momentos vividos pelo conjunto de professores e alunos, ao longo de diferentes décadas, todos exigindo definições no enfrentamento de crises.

Esse documento, no item “Histórico do Curso” esclarece que o Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André, no seu início, caracterizava-se por um projeto de formação de caráter generalista (1966-1969) até que, seguindo determinações prescritas pela Lei nº 5540/68, que aboliu a distinção entre bacharelado e licenciatura, sofreu modificações na sua estrutura, tendo sido dividido em dois blocos de disciplinas, as chamadas de fundamentos da educação e as das habilitações específicas. Apesar das alterações, o curso continuou dividido, herança do período do Regime Militar.

No mesmo documento fica claro que, no período que introduziu as habilitações (1970-1974), o curso mudou de quatro para três anos de duração, formando especialistas em Orientação Educacional, Administração Escolar e o licenciado para as disciplinas pedagógicas dos Cursos Normais. O currículo passou a se caracterizar pela pulverização de disciplinas, pois, além da introdução das habilitações e de exigências de disciplinas e cargas horárias a serem cumpridas por razões legais, havia também a necessidade de compactar o currículo, aligeirando-o, ou seja, os conteúdos programáticos dos planos de ensino e os próprios instrumentos utilizados para a avaliação do rendimento escolar indicavam uma concepção de formação docente centrada no treinamento.

Na sequência o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia aponta que a partir da segunda metade da década de 70, com o movimento de oposição e rejeição aos enfoques técnico e funcionalista, o curso retomou a duração de quatro anos e continuou oferecendo as mesmas habilitações, devendo o aluno fazer a opção por Orientação Educacional ou Administração Escolar no 4º ano, uma vez que o Magistério das Disciplinas Pedagógicas de 2º grau era uma habilitação obrigatória. Mas, ainda era evidente uma forte tendência tecnicista comprovada pela introdução das disciplinas Técnicas de Ensino Individualizado e Tecnologia da Educação; além disso, a área de Didática dividiu-se em Didática, Dinâmica de Grupo e Avaliação do Rendimento Escolar e foi acrescentada ao currículo a disciplina Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal (1975-1986).

Por fim, ainda de acordo com o histórico do curso relatado no documento supracitado, foi possível saber que na década de 80, com o debate

que marcou a rejeição da visão de educação e formação de professores marcados pela neutralidade e pela instrumentalização técnica, os professores do Curso de Pedagogia assumiram posições mais progressistas e foi implantado um projeto de formação de especialistas por intermédio de alterações significativas no curso, ou seja, fim do parcelamento da disciplina Didática; exclusão das disciplinas de caráter tecnicista e aumento da carga das chamadas disciplinas de formação geral (História da Educação e Filosofia da Educação); além da introdução das disciplinas Administração e Processo Educacional como resultado de uma visão do administrador escolar enquanto agente ativo no processo educacional, bem como da disciplina Desenvolvimento de Projetos, buscando melhor dimensionar a relação teoria e prática, culminando num processo demarcado pela defesa da formação de um professor-investigador cujo princípio básico assentava-se na articulação teoria e prática pedagógica, pesquisa e ensino, reflexão e ação didática (anos 90).

Ao estudar e escrever sobre a história Curso de Pedagogia no período de 1966 a 1990, Ancassuerd(2008) relata que não sem dificuldades o curso se manteve e que a luta dos professores no enfrentamento dos problemas gerados, sobretudo pela forma de gestão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, só tornava as dificuldades ainda maiores. No entanto, e apesar das dificuldades, os professores nunca abriram mão da formação de qualidade.

A autora conta que o Departamento de Educação da FAFIL foi criado em 1972, mesmo ano em que o curso de Pedagogia entra em uma de suas maiores crises, gerada pela diminuição de alunos matriculados, que levou ao fechamento de turmas do período diurno e, conseqüentemente na redução de aulas e salários dos professores. Em uma análise primária, para alguns dos mestres envolvidos, a crise se apossou em proporção bastante significativa, devido à falta de incentivo no que tange a divulgação do curso, e a realização tardia do vestibular. Após isso, diante de estudos para que pudessem achar uma nova diretriz, a fim de superar tal crise, um segundo indicador é apontado como gerador do fato negativo, sendo este a não regulamentação da Reforma Universitária e da saturação do mercado de trabalho para com pedagogo.

O enfrentamento desses problemas levou o conjunto de professores do Departamento de Educação a propor soluções que minimizassem os reflexos

da crise. Entre as propostas apresentadas estavam a realização do vestibular conjunto com outras unidades e a criação de novas frentes de trabalhos como cursos de pós-graduação e especialização, o que levaria a possibilidades de trabalho dos professores sem que muitos perdessem aulas.

Havia, ainda, a preocupação com a instalação de novos cursos e centros de treinamentos. O corpo docente, diante da crise, aborda pela primeira vez, como possível solução, a adoção de certos parâmetros de facilitação de frequência e atribuições de notas, bem como a redução na quantidade de cursos. Essas medidas não eram unanimidade.

As discussões em torno dos problemas a serem enfrentados e também aquela que dizia respeito à qualidade da formação oferecida no Curso de Pedagogia levou os professores a fazer a opção de formar educadores centrando o processo na educação voltado para a escola, pública e de qualidade.

O que primou o enfrentamento da crise foi, sem dúvida, a preocupação pela qualidade do ensino oferecido pelo Curso de Pedagogia, que sempre defendeu, e ainda defende, a formação de profissionais propositivos, capazes de desenvolver atividades coletivas, com qualidade e responsabilidade, com o objetivo de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A questão que se coloca no processo de formação desses profissionais, deste a criação do Departamento de Pedagogia até os dias atuais é como garantir a formação desses profissionais com esse perfil.

1.2. Destaques sobre a formação do professor e sua complexidade

Sobre a formação de professores Cunha (1989), em pesquisa realizada com professores de ensino médio e superior, em Pelotas (RS) descobriu que o que influenciou a escolha da carreira por parte dos professores pesquisados tinha relação com a classe social a que pertenciam, pois a facilidade de entrada no mercado de trabalho, assim que se formassem, era critério preponderante de escolha.

Cunha (1989) relata que esses professores declararam que, além da facilidade de entrada no mercado de trabalho há também a necessidade de

reconhecer interação e certa afinidade com a disciplina ou nível de ensino escolhido para lecionar. Os pesquisados, em diferentes momentos, declararam que “nem sempre os dias são tão bons” e que:

“...gosto de dar aulas mas nem sempre a vida do professor é um mar de rosas; as vezes a gente esta muito realizado e as vezes da vontade de largar tudo. Trabalhar noturno com alunos que não conseguem produzir me desestimula. Isto não é regra geral, mas acontece...” (CUNHA, 1989, p. 86)

As respostas relacionadas às escolhas da profissão e das dificuldades enfrentadas no exercício da mesma levaram a autora a posicionar-se sobre a complexidade que tais respostas indicam, dizendo,

“Gostaria de esclarecer que a competência é vista aqui como a idealização de um papel socialmente localizado. Não há intenção de definir um modelo acabado e neutro. Está ela muito vinculada à ideia de um papel social. A propósito, convém lembrar Heller (1985, p.87) para quem “...a ideia de um papel social não nasce casualmente, nem do nada, mas resulta de numerosos fatores da vida cotidiana, dados já antes da existência dessa função e que continuarão a existir quando ela já estiver esgotado” (Cunha, 1989, p. 89)

A autora destaca ainda que há uma concepção de professor competente existente na comunidade escolar que foi construída através de expectativas de práticas pedagógicas consideradas exemplares que indicam acertos da escola do nosso tempo, na avaliação da comunidade escolar.

Os depoimentos dos pesquisados mostram que há uma significativa relação entre as influências que receberam ao longo da sua trajetória escolar, especialmente de ex-professores, e a forma como trabalham na atualidade.

Essa influência pode ser tanto positiva quanto negativa e, segundo Cunha (1989), é lembrada por 70% dos participantes que afirmam que seu comportamento como docente tem grande relação com a vivência que tiveram com esses mestres.

Na mesma linha Freire (1996) nos ensina que “ensinar é uma especificidade humana”, ou seja, é evidente que a influência de outros mestres nos afeta. Nas palavras do autor segurança, competência, generosidade e comprometimento são as principais características de quem atua na educação, sobretudo na sala de aula.

Quando um professor segue aquilo que Freire (1996) chama de “saber escutar”, ou seja, estar permanentemente aberto ao diálogo demonstra saber e concretizar o que o mesmo autor chama de “querer bem ao educando”. Todas essas afirmações corroboram com aquilo que Cunha (1989) chama de “competência” do professor e “papel social” da escola.

Ao lermos as defesas de Freire (1996) e Cunha (1989) parece ser simples enfrentar a complexidade que cerca a formação do professor e, na verdade, bastaria colocar em prática para formar bons professores.

A questão que se coloca neste trabalho é se tais defesas têm sido colocadas em prática no curso de Pedagogia do CUFSA. A competência dos professores é reconhecida? Os conteúdos dão conta de preparar os alunos para uma escola que cumpre seu papel social? Há da parte dos professores para com os alunos e vice-versa a relação de querer bem?

1.3. O que tal complexidade indica

Sobre a formação de professores Rodrigues e Esteves (1993) afirmam que se trata de uma ação permanente, pessoal e profissional, ou seja, não se esgota em uma única formação. A busca de novos conhecimentos e experiências se dá ao longo de toda a carreira e, portanto, a formação inicial é o primeiro passo de uma jornada de anos de profissão.

As autoras afirmam que há problemas no processo de formação de professores, apresentados por inúmeros trabalhos de pesquisa, realizados em décadas, sem que soluções tenham se apresentado de forma efetiva.

“a formação dos professores tem vindo a afirmar-se como um domínio privilegiado, embora ao volume dos estudos produzidos não pareça corresponder a resolução dos problemas que vêm sendo enunciados desde alguns anos”.(Rodrigues e Esteves, 1993, p. 39).

O professor tem sido visto como um especialista que coordena o processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de formar cidadãos pensantes, trabalhando em uma instituição que tem por função social mediar os conhecimentos acumulados pela humanidade. Quando esses papéis, do

professor e da escola, não são cumpridos os problemas surgem e nem sempre são entendidos.

A escola é uma “*caixa preta*” que precisa ser desvendada.

1.4. O papel da escola no trabalho do professor

Até o presente momento os diferentes autores apontaram complexidades relacionadas á formação pedagógica, à influência dos formadores relacionada às práticas pedagógicas, aos inúmeros problemas que vem sendo estudados e ainda sem solução que apontam a instituição escola como espaço de enfrentamento de conflitos pouco entendidos e não resolvidos.

Para além dessas questões já mencionadas há ainda que se indagar sobre o papel que cumprem pais (famílias) e autoridades governamentais de todos os níveis de governo (municipal, estadual e federal) na elaboração de políticas públicas que levem em consideração o direito a educação igual para todos.

Quando da leitura de Ceconet al. (1984) fica claro que as mudanças não são perceptíveis, ou seja, os professores continuam enfrentando problemas na condução do processo de ensino e aprendizagem, que o direito a educação não vem sendo concretizado, pois crianças continuam com acesso limitado à aprendizagem dado o número insuficiente de escolas, o que contribui para a evasão escolar.

A Carta Magna de 88 e a LDB 9394/96 preconizam a educação como direito de todos, no entanto não se aplica a todas as crianças, jovens e adultos, em território nacional, o direito dos cidadãos garantidos por essas leis federais.

O que as pesquisadoras, responsáveis pelo presente trabalho, questionam é como mudar as escolas? A única “pista” que parece apontar soluções diz respeito ao trabalho conjunto entre gestão, professores, famílias, alunos e comunidade do entorno, enfim toda a equipe escolar deve trabalhar em conjunto, visando o bem-estar do aluno.

Um professor empenhado e disposto a fazer a diferença pode ser a chave do sucesso, conforme afirmações já apresentadas por Freire (1996).

2. EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS INTEGRADORAS: AVANÇOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Quando listadas as atividades realizadas pela turma de pedagogia que ora se forma é possível verificar que são tantas as experiências vividas que uma análise mais completa exigiria tempo e acúmulo para além do domínio das pesquisadoras. No entanto é possível listar, sem o compromisso primeiro de análise, inúmeras experiências que contribuíram de forma diferenciada para a formação dos alunos que são concluintes em 2016.

Há um destaque que de pronto pode ser aqui mencionado e que diz respeito às exigências da disciplina Relações Interpessoais e Grupais, no primeiro ano. Nos trabalhos realizados e de responsabilidade dessa disciplina havia intenções que hoje são claras às pesquisadoras. Na verdade as discussões promovidas nessas aulas levaram os alunos a pensar em como deve proceder um professor junto a seus alunos – educador ou treinador? As atividades desafiavam os alunos a pensarem a diferença entre obediência e autonomia.

Na sequência outro destaque nos leva a crer que não basta ser competente teoricamente, como já defendido aqui por Freire (1996), é preciso saber como fazer. Várias disciplinas contribuíram para que os professores em formação aprendessem que ensinar não é processo de transferir, mas de construir – professores e alunos – juntos.

Esse pensamento foi modificando, paulatinamente as práticas docentes empregadas no curso e algumas delas são aqui relatadas no sentido de exemplificar como práticas educacionais diferenciadas podem contribuir para a formação de professores.

Antes de tudo é preciso deixar claro que o curso de Pedagogia da Fundação Santo André tem, tradicionalmente, afirmado e reafirmado seu

compromisso com a escola pública e, como se trata de curso superior, a questão da pesquisa e produção de conhecimento, relacionados com esta escola, estiveram presentes, como elementos estruturais do Curso, particularmente a partir dos anos 80.

No entanto foi a partir de 2010 que atividades voltadas à formação de professores de forma diferenciada se concretizaram de forma mais efetiva e parte das atividades, aqui tratadas, mostram que o amadurecimento sobre a qualidade do curso foi tomando corpo na direção de enfrentar a crise da escola pública no que tange à qualidade.

2.1. Semana da Pedagogia

O Curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André, tem como parte do calendário anual uma semana dedica a atividades culturais de formação geral. Por muito tempo as atividades eram centradas em palestras, oficinas e mesas redondas, mas, em 2011, a semana cultural do curso passou a ter novos contornos que contribuíram de forma diferenciada para a formação de professores.

Tudo começou com a volta de uma professora, afastada do curso por cinco anos, e cujo retorno redundou em reflexões sobre a formação de professores e sua relação com a crise da escola pública. Nakano (2016) conta que ouvindo relatos sobre os desafios a serem enfrentados pelos alunos do curso no trabalho pedagógico junto a alunos das séries iniciais do ensino fundamental era fundamental rever todo o trabalho de estágios que, até então, era voltado para a realidade das salas de aulas em uma escola com muitos problemas.

No relato de experiência Nakano (2016) explicita que da reflexão sobre a crise vivida pela escola publica surgiu a ideia, em 2011, de formar os professores fora da escola. Foi então que essa professora elaborou proposta que levasse em conta que é no território que os alunos de Pedagogia poderiam aprender, com os próprios moradores, como enfrentar os problemas vividos dentro da escola. Tendo em vista a inversão de pensar soluções de problemas vividos pela escola, partindo do território, a autora explica,

“... no território, porque nele, numa relação estreita com seus habitantes, talvez se encontrasse novas possibilidades de formação dos futuros professores e para a própria escola. Defendia-se a ideia que a escola, imersa em seus problemas, vivia um círculo vicioso que alimentava seus próprios problemas. Era preciso romper este círculo e criar outro, virtuoso, carregado de novas possibilidades de ação. (Nakano, 2016)

A característica da proposta, novas ações, novos caminhos teóricos e práticos gerou insegurança uma vez que tudo era novo, incluindo o território do Núcleo Sacadura Cabral que, embora fisicamente localizado nas vizinhanças da Universidade, sua história era de total desconhecimento de professores e alunos do curso.

Dada a novidade, também os alunos temiam um fracasso. Professores e alunos não tinham nada a ensinar, errar era uma possibilidade fortemente colocada. O território era o Núcleo Sacadura Cabral, uma parte do bairro Sacadura Cabral, pedaço que fora urbanizado pela Prefeitura de Santo André, vizinho da universidade. Para acessá-lo bastava atravessar a avenida. Evidente que contatos com alguns moradores, antigas lideranças, foram feitos para que se pudesse entrar no local. (Nakano, 2016)

Assim, autores como Magnaghi, que defende que território não é somente espaço físico, é um ser vivo, “a mais bela obra de arte feita pelo homem” e de Rancière, sobre exercitar os desafios dos “mestres ignorantes” nortearam os primeiros passos da experiência de formar professores sob nova perspectiva.

“...saber o que fazer, era tarefa difícil, pois significa despir-se das vestes de professor conversando com os habitantes, ouvindo suas histórias, perguntando o que gostariam de fazer no território, de forma a melhorá-lo. era preciso o acaso no percurso. A pergunta “o que podem as forças vivas de um território ensinar aos professores?” exigia de alunos e professores observar, ouvir e falar pouco. (Nakano, 2016)

Os primeiros resultados do trabalho que desafiou alunos e professores do curso de Pedagogia foram a percepção da capacidade de agir de todos os envolvidos e o impacto que ações simples provocavam no curso e em todas as suas atividades de formação (estágios supervisionados, aulas, leituras e discussões).

Professores e alunos aceitaram o desafio e junto com moradores realizaram inúmeras atividades. Os alunos, movidos inicialmente pelo medo de chegar a uma “favela”, se surpreenderam com a capacidade de agir deles e dos habitantes. Era a alegria de agir e mudar uma realidade, mesmo que pequena, que se manifestava. Desse momento em diante, nada mais foi igual, nem no curso de Pedagogia, nem na relação entre moradores do Núcleo Sacadura Cabral com alunos e professores deste curso, começando com limpeza e embelezamento da praça do Núcleo Sacadura Cabral como atividade considerada importante pelos moradores.(Nakano, 2016)

Dessa primeira etapa novas ações foram deflagradas nos anos seguintes e novos desafios surgiram. O Centro Comunitário, prédio público municipal que existe na praça do Núcleo Sacadura Cabral, foi apontado pelos moradores como local em que atividades poderiam ser desenvolvidas por alunos e professores do curso de Pedagogia. A discussão conjunta indicava o desejo dos moradores de uma biblioteca para as crianças do Núcleo e sala de alfabetização para jovens e adultos. Havendo concordância de todas as partes o planejamento dessas ações começou, mas não foi possível concretizá-las dado o impedimento da administração municipal – responsável pelo prédio, que alegou que prédio público não poderia ser utilizado para atividades que não fossem aquelas desenvolvidas por equipes da prefeitura. Cabe ressaltar que nenhuma atividade era desenvolvida no prédio.

Isso não impediu que moradores, alunos e professores desenvolvessem atividades de novos mutirões de limpeza e embelezamento, leitura e brincadeiras com crianças, na praça do Núcleo, ao longo dos anos de 2012, 2013 e 2014.

Visto que o interesse e a perseverança dos envolvidos demonstrou que a capacidade de agir ia além dos espaços institucionais e que a relação só se fortalecia a cada ano o trabalho continuou, agora fortalecido pela adesão de novos professores e alunos do Centro Universitário. Sobre isso Nakano conta que,

A partir de meados de 2014, incentivados pelo Grupo de Inovações de Políticas Públicas da Fundação de Administração Pública da Fundap, iniciou-se interlocução com atores do Núcleo de forma a desenhar um projeto coletivo de trabalho, a partir de interesses comuns. Desta relação, definiu-se que o foco do trabalho seriam as crianças de 0 a 6 anos. Além disso,

o trabalho teria um caráter longitudinal, devendo acontecer de 2015 a 2020, iniciando pelo território para chegar às escolas. Nesse momento o trabalho recebeu a adesão de professores dos colegiados de Matemática, Psicologia e Arquitetura.(Nakano, 2016)

Na continuidade, em 2015, inúmeras atividades foram realizadas no território e novo desafio foi enfrentado. Se até então as atividades tinham se centrado na praça do Núcleo, era hora de trazer também os parceiros para o espaço do Centro Universitário, pois o acesso dos moradores ao espaço e formação de alunos e professores do curso de Pedagogia também era uma forma de fortalecer as relações. Para tanto era preciso viver novo processo e inúmeras atividades foram realizadas.

Depois de limpa e embelezada a praça central do Núcleo Sacadura Cabral passou a ser local privilegiado para o desenvolvimento de brincadeiras, visto que é o espaço ocupado pelas crianças quando não estão na escola.



Nakano, 2016. Produção de jogos e brincadeiras na Praça do Núcleo Sacadura Cabral. 2015

A realização de pesquisa quantitativa em parceria com a Fundap e professores de outros cursos exigiu um trabalho de construção do instrumento de pesquisa (questionário), o mapeamento do território para que o questionário fosse aplicado em cada residência, o treinamento dos pesquisadores e toda uma logística que envolvia contatos com as lideranças locais para que o acesso fosse possível.

Em sua análise Nakano (2016) esclarece que o resultado de todas as ações descritas foi a constatação da importância de se atuar sobre a questão cultural, o que permitiu que no segundo semestre do ano de 2015 fossem

realizadas atividades no prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFIL, como forma de devolutiva aos moradores do Núcleo de tudo que foi observado e analisado dos dados da pesquisa. Foram realizadas as seguintes atividades: Museu comunitário do Núcleo Sacadura Cabral, que contou com a participação ativa dos moradores, além do planejamento e desenvolvimento de atividades em quatro salas temáticas, voltadas para as crianças – circo, leitura, jogos, brinquedos e brincadeiras e artes.

Na análise final de todo o trabalho Nakano (2016) aponta que o conjunto de atividades realizadas no ano 2015 apontavam para um problema que era a realização de atividades pontuais, que embora importantes não contribuíam no fortalecimento da relação com o território e também no processo de formação dos alunos. Essa constatação levou ao planejamento de ações de caráter permanente, no campo da cultura, como indicava a pesquisa e voltadas para as crianças, seguindo as decisões anteriormente tomadas.

“Nasce a ideia da biblioteca viva, a ser estruturada no pátio da FAFIL e que se constituísse no elemento aglutinador, de um lado, alunos e professores da FAFIL, de outro, moradores do Núcleo Sacadura Cabral, especialmente as crianças.”(Nakano, 2016)

Biblioteca Viva: primeira experiência

Motivados pela produção e resultados de todas as atividades concretizadas até então os alunos decidiram em reunião conjunta com os professores do curso de Pedagogia investir em atividades que tornassem realidade a montagem de uma Biblioteca Viva, mesmo que ainda embrionariamente, de forma a iniciar nova etapa do trabalho, com vistas a ampliação nos próximos anos.

O planejamento envolveu todos os alunos e professores do curso, divididos em equipes de trabalho que, no seu conjunto, voltavam-se à montagem de um espaço que proporcionassem a leitura prazerosa, à diversão e ao contato com a experiência de ludicidade com autonomia.

A leitura de textos como Biblioteca Viva – fazendo história com livros e leituras, produzido pela Fundação Abrinq, Notas de Biblioteca 5, produzido pela Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, entrevista com

Emilia Ferreiro - Se os professores não leem são incapazes de transmitir o prazer da leitura e também trechos de textos produzidos por Michèle Petit nortearam as atividades a serem desenvolvidas.

Diferentes equipes se responsabilizaram por produzir uma peça teatral, fazer a divulgação dos trabalhos, conseguirem doações de livros, produzir tapetes, almofadas e estantes, organizar locais de lanche, cantinhos de leitura e decoração.



Nakano (2016) Espaço destinado a leituras e contação histórias. Pátio da FAFIL 2016.



Nakano (2016). Espaço do bebe. Pátio da FAFIL 2016.



Nakano (2016). Espaço jogos e brincadeiras. Pátio da FAFIL 2016.

A experiência que significou iniciar leituras, discussões e concretização de atividades voltadas para a Biblioteca Viva, ainda que de forma inicial e tímida mediante o potencial que esse espaço oferece, foi avaliado pelos alunos como uma das mais interessantes e participativas atividades de formação que envolveu a capacidade de estudo, planejamento e realização conjunta, entre

professores e alunos do curso, com vistas a realização de uma atividade que envolve pensar formas alternativas de educação, com a participação de uma comunidade, em parceria com a Universidade.

2.2. Visita Técnica a Aldeia Krukuto

Como desde o início a intenção das pesquisadoras foi a de relatar e analisar atividades de formação no curso de Pedagogia que contribuíram de forma diferenciada para a discussão do que vem a ser o papel do professor, outra atividade que nos pareceu de importância foi a visita a uma aldeia de índios, localizada em Parelheiros – na zona Sul da cidade de São Paulo. Essa atividade foi desenvolvida a partir de proposta da professora responsável pela disciplina Antropologia da Educação e tinha como principal objetivo colocar os alunos do curso em contato com uma realidade que dificilmente faria parte da experiência da maioria desses alunos.

As pesquisadoras fizeram contato com alunos dessa série do curso e solicitaram que a vivência dessa experiência fosse relatada com o intuito de saber a contribuição que a visita oferece à formação das mesmas.

Um primeiro destaque que vai além do relato é a avaliação da contribuição que a disciplina Antropologia dá a formação de Pedagogos quando propõe uma atividade de campo que vai além de conteúdos trabalhados em sala uma vez que é de extrema importância que se busque contatos com outras formas de aprendizado.

Esta visita contribui com o aumento do conhecimento que os alunos tinham sobre educação indígena no contexto em que esses sujeitos vivem.

Uma das relatoras conta que a aldeia é composta por cerca de 47 famílias, num total de aproximadamente 300 pessoas de duas etnias, Guarani e Guarani Kaiwá.



Vista aérea da aldeia (foto cedida pelos alunos do 2º ano de Pedagogia)

Os alunos foram recebidos por um guia da tribo que apresentou moradias, artesanato produzidos pelos próprios moradores da aldeia. O destaque do guia foi para a produção literária de Olívio Jekupé que vive na aldeia há 20 anos e busca por essas meios explicar a cultura indígena. Ainda considerando os relatos dos visitantes pode-se saber que em um dos textos produzidos por Jakupé há uma crítica que aponta para a forma como a história dos índios brasileiros é abordada na literatura geral.

“Segundo Jakupé, grande parte da história dos índios não foi escrita. Ele acredita que a questão indígena é, muitas vezes, alterada por causa de estereótipos e preconceitos. “Muitos pensam que os índios continuam do mesmo jeito que viviam há 1.500 anos. São pessoas que vivem no Brasil, mas não conhecem uma aldeia. Para conhecer, é preciso ter contato, entender as diferentes etnias”, explicou o escritor.”(alunas do 2º ano de Pedagogia 2016)

Os relatos informam que os lugares da aldeia mais frequentados pelos moradores são uma unidade de saúde (UBS), um Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI), um espaço especial para a educação infantil e uma unidade de ensino fundamental; espaços que não puderam ser visitados dado que a atividade foi realizada em um sábado e esses locais estavam fechados. O guia destacou também o local de reza dos índios, onde se encontram todas as noites para reuniões e celebrações culturais.



Casa de reza (foto cedida pelas alunas do 2º ano de Pedagogia)

“O grupo teve a oportunidade de desfrutar da casa de reza, eles conseguiram entrar com a autorização do guia. No local eles assistiram uma apresentação de música dedilhada no violão, tocaram nos objetos que tem em casa, aprenderam a cantar uma música em guarani. O grupo ficou totalmente maravilhado com o local, são poucas as oportunidades que eles liberam para um grupo conhecer a casa de reza, eles souberam desfrutar da melhor forma o local.” (alunas do 2º ano de Pedagogia 2016)

Outra experiência relatada que pareceu impactar os visitantes foi a visita à casa construída pelos próprios moradores da aldeia. Essa vivência mostrou aos alunos que os hábitos de vida são correspondentes a uma cultura diferente.

Os relatos aqui apresentados levaram as pesquisadoras a inferir que o curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA) tem por princípio oferecer aos estudantes oportunidades que vão além dos conteúdos trabalhados em sala de aula, possibilitando experiências que contribuem para formação diferenciada, buscando assim formar pedagogos pesquisadores, conhecedores de outras culturas e capacitados a se tornarem educadores competentes, preparados para enfrentar os desafios que sobretudo a escola pública impõe aos que a acessam.

2.3. Workshop de surdez

Com o objetivo de enriquecer a formação dos alunos do Curso de Pedagogia, no ano de 2016 foi proposto uma visita ao Centro Universitário Metropolitano das Faculdades Unidas – FMU para que os alunos do CUFSA tivessem contato com um Workshop sobre surdez.

No Campus da FMU os cursos de graduação em Psicologia e Fonoaudiologia realizaram o 2º Workshop de Surdez. O evento teve por objetivo aprofundar a discussão e trocar experiências vividas por surdos, seus pais e estudiosos. O tema desse ano foi Educação, Intervenção e Reabilitação na área da surdez.

Nos dois períodos de atividades os alunos do CUFSA puderam entrar em contato com profissionais da área de fonoaudiologia e psicologia, além de pais de surdos e uma pessoa surda que deu seu depoimento sobre a importância da linguagem de sinais para que sujeitos como ela sintam-se incluídos socialmente.

Num primeiro momento informações e conhecimentos sobre doenças que surgem na gestação e/ou pós-parto, como rubéola e meningite, explicando causas e consequências. Nesses casos a explicação sobre o uso de aparelhos auditivos mostrou como professores devem preparar-se para o trabalho em sala de aula com alunos surdos.

Na sequência uma profissional da área de psicologia tratou de esclarecer informações sobre o tratamento e atendimento aos surdos, naquilo que se refere as dificuldades de enfrentamento dos problemas dos surdos em uma sociedade que os considera diferentes.

O relato de experiência de mães de surdos foi esclarecedora pois as mesmas contaram sobre o processo que se inicia ao receber a notícia de ter um filho surdo, passar pelo luto e chegar a aceitação.

Por fim, o trabalho encerrou-se com a realização de uma oficina de Libras, de responsabilidade de uma pedagoga surda, que enfatizou a importância dessa linguagem no trabalho educacional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação oferecido pelo curso de Pedagogia do Centro Universitário Fundação Santo André forma professores pelo período de 4anos, na forma de grade curricular anual, com disciplinas em diferentes áreas de formação, conforme aludido anteriormente.

Se partirmos somente dessa forma de organização, considerando aulas de segunda a sábado, sem intervalo semanal para dedicar-se aos estudos, salvo o domingo, e, se considerarmos que a maioria dos alunos são jovens trabalhadores, que dedicam-se à profissão por aproximadamente 40h semanais, poderemos afirmar que ser estudante desse curso, no período noturno e nessas condições não é tarefa fácil e os esforços dos alunos quanto à assiduidade, pontualidade e aproveitamento de estudos acaba sendo a opção de cada um. Há aqueles que se dedicam mais e aprendem mais, enquanto outros têm menor dedicação.

Para além das aulas os estudos realizados mostraram a complexidade de ser professor, no entanto, a vivência da autonomia em produzir conhecimento novo, demonstrar comprometimento e modificar a forma de pensar a relação entre educandos e educadores, livres de preconceito e enfatizando o que Freire (1996) chama de “querer bem” foi o maior desafio, pois tal aprendizagem exigiu de todos a revisão de valores para atuar como profissionais que contribuam com a melhoria da qualidade da escola pública e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As dificuldades centraram-se, na experiência das pesquisadoras, no período de 2013 – 2016. Uma das questões mais relevantes diz respeito a falta de professores de diversas disciplinas, em todos os anos do curso. Isso ocorreu porque o processo seletivo para contratação de novos professores dava-se por meio de concurso interno e, a forma como estava organizado, gerava demora no tempo de escolha e contratação, o que influenciou diretamente para que os alunos ficassem grandes períodos com defasagem de conteúdos.

Em 2014 entrou em vigor uma nova grade curricular por determinação do Conselho Estadual de Educação (CEE). Tal ação fez com que os alunos fossem afetados diretamente, pois, disciplinas consideradas importantes pelos alunos, na formação do professor, que implicavam na atuação competente quando do início da carreira, foram remanejadas para o último ano. Como o ano final demanda maior dedicação em tarefas como o trabalho de conclusão de curso, fechamento das horas de atividades práticas e teóricas, fechamento dos estágios, além das disciplinas que

exigiam a elaboração de tarefas semanais, a modificação da grade acabou por prejudicar o aproveitamento que, em outra série, certamente seria mais proveitoso.

Uma ultima questão que não necessariamente tem relação com a grade curricular, a capacitação dos professores, mas certamente tem relação com a formação de professores diz respeito as relações interpessoais estabelecidas entre as alunas (todas mulheres) da turma de 2013 – 2016. Sabe-se que uma sala de aula é composta por pessoas com personalidades diferentes, no entanto isso não deve significar desrespeito a opiniões contrárias e o diálogo deve ser pautado pelo conhecimento teórico e prático discutido ao longo do processo de formação. O que ocorreu foi que os integrantes da turma entravam em atritos por assuntos que alguns consideravam de pequena relevância; as discussões se alongavam e por muitas vezes o conteúdo e tempo de aula ficavam prejudicados. Do ponto de vista das pesquisadoras essa situação deveria ter sido tratada e abordada como uma questão importante na formação desses sujeitos.

Novas crises deverão acontecer no entanto a qualidade sempre buscada continua sendo a questão central.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ANCASSUERD, Marli Pinto. Pedagogia da memória: registros históricos e testemunhos em defesa da FAFIL e do projeto de construção do curso de formação de professores na Fundação Santo André. São Paulo: Porto de Ideias. 2008.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. Petrópolis. Editora Vozes LTDA, 1984.

CUNHA, Maria Isabel da. O bom professor e sua pratica. Campinas, SP: Papirus, 1989. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

NAKANO, Marilena. Desafios para concretizar uma biblioteca viva que nasce das relações com um território. Pedagogia da Fundação Santo André e Núcleo Sacadura Cabral: 2011 a 2016. 2016.mimeo.

RODRIGUES, Angela; ESTEVES, Manuela. A análise de necessidades na formação de professores. Portugal:Porto Editora LDA, 1993.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ. Projeto Pedagógico Curso de Pedagogia. Renovação de reconhecimento de curso, deliberação Conselho Nacional de Educação – MEC, sob a coordenação do Prof.Ms. Sebastião Haroldo de Freitas Corrêa Porto.

exigiam a elaboração de tarefas semanais, a modificação da grade acabou por prejudicar o aproveitamento que, em outra série, certamente seria mais proveitoso.

Uma última questão que não necessariamente tem relação com a grade curricular, a capacitação dos professores, mas certamente tem relação com a formação de professores diz respeito as relações interpessoais estabelecidas entre as alunas (todas mulheres) da turma de 2013 – 2016. Sabe-se que uma sala de aula é composta por pessoas com personalidades diferentes, no entanto isso não deve significar desrespeito a opiniões contrárias e o diálogo deve ser pautado pelo conhecimento teórico e prático discutido ao longo do processo de formação. O que ocorreu foi que os integrantes da turma entravam em atritos por assuntos que alguns consideravam de pequena relevância; as discussões se alongavam e por muitas vezes o conteúdo e tempo de aula ficavam prejudicados. Do ponto de vista das pesquisadoras essa situação deveria ter sido tratada e abordada como uma questão importante na formação desses sujeitos.

Novas crises deverão acontecer no entanto a qualidade sempre buscada continua sendo a questão central.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCASSUERD, Marli Pinto. Pedagogia da memória: registros históricos e testemunhos em defesa da FAFIL e do projeto de construção do curso de formação de professores na Fundação Santo André. São Paulo: Porto de Ideias. 2008.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. Petrópolis. Editora Vozes LTDA, 1984.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ. Projeto Pedagógico Curso de Pedagogia. Renovação de reconhecimento de curso, deliberação Conselho Nacional de Educação – MEC, sob a coordenação do Prof.Ms. Sebastião Haroldo de Freitas Corrêa Porto.

CUNHA, Maria Isabel da. O bom professor e sua prática. Campinas, SP: Papyrus, 1989. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

NAKANO, Marilena. Desafios para concretizar uma biblioteca viva que nasce das relações com um território. Pedagogia da Fundação Santo André e Núcleo Sacadura Cabral: 2011 a 2016. 2016.mimeo.

RODRIGUES, Angela; ESTEVES, Manuela. A análise de necessidades na formação de professores. Portugal:Porto Editora LDA, 1993.